

OPORTUNIDADE

Rafael Medeiros

PRÓLOGO

Todos pensaram que seria apenas mais um dia chuvoso, como vinham sendo os últimos dias. Logo cedo nuvens de tempestades cobriram a pequena cidade como um mau agouro e começou a chover torrencialmente. Com a chuva veio o vendaval.

Janelas foram fechadas, crianças foram chamadas para dentro de casa, aparelhos eletrônicos foram desplugados das tomadas e aqueles mais supersticiosos fizeram cruces de sal em cima das mesas para fazer o tempo se acalmar.

Não adiantou.

O tornado se formou a oeste e atravessou a cidade deixando um rastro de destruição. No início era apenas um funil fino que de repente se transformou em um tornado F3 de 600 metros de diâmetro, com ventos de 400 quilômetros por hora. Não durou mais que dez minutos, mas foi tempo suficiente para deixar a maior parte da cidade destruída e mais de trezentos mortos.

O tornado perdeu força e desapareceu tão repentinamente quanto surgiu logo depois de cruzar o centro da cidade. Com a destruição e os mortos ficou apenas uma leve garoa.

Às nove horas e meia da manhã, os sobreviventes começaram a sair das poucas casas que ficaram em pé para ajudar os feridos e contabilizar os prejuízos e os mortos.

O tornado destruiu e matou, mas para um dos moradores daquela cidadezinha ele trouxe consigo uma oportunidade única. E Pedro não iria desperdiçá-la.

CAPÍTULO 1

No quintal de casa havia uma árvore grande e antiga onde costumavam brincar. Um dos galhos da velha árvore se quebrou quando Felipe apoiou-se nele, fazendo o garoto despencar de três metros de altura até o chão.

Pedro desceu o mais rápido que pôde enquanto ouvia os gritos do amigo. Antes de chegar ao chão viu o sangue brotando e sentiu um frio na barriga.

Ver o braço de Felipe dobrado em uma posição estranha e os ossos brancos à mostra fez uma onda de horror e deslumbramento subir pela espinha de Pedro, que ficou estático, com os olhos brilhando ao ver o sangue escorrer pelo braço do outro garoto, até que Felipe berrou mais alto e o despertou.

Desesperado para ajudar o amigo, Pedro pegou o braço de Felipe e tentou colocá-lo no lugar. Seu coração bateu mais forte quando Felipe berrou a plenos pulmões por causa da dor causada pelos ossos quebrados voltando ao lugar e abrindo ainda mais o ferimento.

A mãe de Felipe estava na sala lendo um dos romances água com açúcar que tanto adorava quando ouviu os gritos. Saiu para o quintal e ficou estupefata ao ver o garoto segurando o braço do filho, suas mãos sujas de sangue e um leve sorriso no rosto. Respirou fundo forçando-se a manter-se calma, então correu até a cozinha para pegar as chaves do carro e levar o garoto ao hospital.

Pedro ficou ali, parado com as mãos manchadas de sangue. Anos mais tarde, caso alguém perguntasse, ele não saberia explicar por que olhou para as próprias mãos e resolveu lamber o sangue que as sujava.

CAPÍTULO 2

Treze anos se passaram e Pedro nunca esqueceu aquele gosto metálico.

Agora estava com vinte e dois anos de idade, tinha pouco mais de um metro e setenta de altura, seus cabelos eram curtos e castanhos como os olhos, que muitos diziam serem sedutores. A barba era mantida sempre bem aparada. Seus lábios eram finos e seu sorriso cativava.

Era um jovem atraente que despertava confiança naqueles que o cercavam. Tinha um bom emprego e sua maior sorte era que ninguém podia ler seus pensamentos.

Sua consciência era sempre assombrada por aqueles pensamentos macabros. Sempre imaginou como seria cortar a carne de outra pessoa. Às vezes, enquanto preparava o jantar e precisava cortar a carne em pedaços, imaginava ser uma pessoa o que ele estava cortando. O que ele sentia ao imaginar a faca abrindo sulcos na carne humana era tão forte que conseguia ouvir os gritos de dor e não raramente tinha ereções enquanto fantasiava com isso.

Ele ainda estava dormindo, quando o vendaval começou. De início pensou que era seu pai passando o aspirador de pó pela casa como de costume. Ainda sonolento percebeu que aquele estrondo era alto demais para ser o aspirador. Ao olhar pela janela viu o tornado carregando telhados inteiros como se fossem folhas secas numa tarde de outono. Em meio ao caos pessoas eram arrastadas para longe ou atingidas por escombros. Jamais pensou que presenciaria um evento daquela magnitude. Seus desejos de sangue despertaram quando viu um homem erguer os braços em frente ao rosto para se defender de uma placa de trânsito que voou em sua direção e o atingiu em cheio, cortando seus braços e fincando-se em seu rosto.

Quando desejamos muito alguma coisa passamos muito tempo elaborando cenários e situações em que nossos desejos possam ser realizados sem culpa. Por isso Pedro sonhava em se tornar um cirurgião. Ele guardava grande parte de seu salário para conseguir pagar a faculdade de medicina e de acordo com os seus planos conseguiria isso dali a dois anos.

Enquanto economizava, passava as noites imaginando como seria quando estivesse formado e operando pessoas. Ele não era uma pessoa louca, sabia disso tão bem quanto sabia que seus pensamentos eram errados. Por isso queria tornar-se cirurgião. Só assim poderia realizar suas vontades enquanto ajudava pessoas que precisassem. Pensava até mesmo em trabalhar como voluntário em alguma missão humanitária na África. Nos instantes antes de pegar no sono pensava sobre tudo isso e quase podia sentir o bisturi cortando a pele dos pacientes, fazendo surgir um risco escarlate por onde ele passasse. Às vezes seus pensamentos iam para um lado menos digno e se imaginava no meio de um desastre natural que lhe desse a chance de realizar suas cirurgias antes da formatura.

Por isso quase não acreditou quando se deu conta da oportunidade que os céus, literalmente, estavam lhe dando.

Correu para a cômoda do quarto onde guardava seu bisturi, que na verdade não passava de um estilete de precisão que ele mantinha como se fosse um tesouro. Um frio subiu por seu corpo quando sentiu a sensação do metal em sua mão.

CAPÍTULO 3

Com o estilete em mãos saiu para a rua em busca de pacientes. Ao ver os corpos dos que pereceram jazarem inertes por todos os lados e em meio aos escombros agradeceu mais uma vez pela graça obtida.

Não demorou muito para encontrar a sua primeira paciente, uma jovem que devia ter entre vinte e vinte dois anos, era loira e seria bela, não fosse pelos estilhaços de vidro que atingiram seu rosto. Pedro desabotoou a camisa da paciente, segurou o estilete como se fosse um bisturi cirúrgico e fez a primeira incisão, abrindo um corte rubro no ventre da jovem que o fez estremecer, uma sensação boa se apossou de seu corpo, mas não era suficiente, não era como ele esperava. Pressionou o bisturi com mais força fazendo-o ir mais fundo na carne, abriu ainda mais o tronco da jovem, tateou seus órgãos, segurou o coração em suas mãos. Não sentiu o alívio que imaginava. Era só mais um pedaço de carne que ele tinha à sua frente, um pedaço de carne como aqueles que ele comprava diariamente no açougue.

Lembrou-se daquele dia, treze anos atrás, quando sentiu o sangue de Felipe em suas mãos pela primeira vez, lembrou de como o amigo berrou por causa da dor que sentiu quando Pedro forçou seus ossos de volta para dentro do braço. Foi nesse momento que ele ouviu um clique em sua cabeça e as peças se juntaram. Era essa a diferença! Era por isso que ele tinha ficado apaixonado pelo sangue! Percebeu que não era o sangue nem o ato de cortar o corpo de outra pessoa que lhe dava tanto prazer. Eram os gritos! Os gritos de dor!

Ainda ajoelhado em meio aos seus pensamentos e ao lado dos destroços que momentos antes foram uma bela jovem, ouviu uma voz, um pedido de ajuda desesperado. Levantou e foi em direção àqueles berros de agonia. Em meio aos

escombros de uma loja de roupas, um rapaz jovem, preso por uma viga que caíra em cima de suas pernas e as quebrara, gritava por ajuda. O choro de desespero e dor do rapaz deixou Pedro excitado.

Aproximou-se de seu novo paciente como um gato se aproxima de sua presa. Mantinha um sorriso tranquilizador nos lábios. Disse ao jovem que estava tudo bem, que iria ajudá-lo a sair dali. Energizado com a adrenalina do momento, ergueu com certa facilidade os escombros que prendiam o rapaz e o arrastou até um lugar seguro.

O rapaz não parava de agradecer e dizer que Pedro devia ser um anjo enviado por Deus para ajudá-lo. Mas quando o anjo usou um cinto para amarrar seus braços aos pés de uma mesa, ele percebeu que não era um ser de luz que estava à sua frente.

O rapaz começou a se contorcer e a implorar por misericórdia. Por um instante Pedro sentiu pena e arrependimento, então se aproximou vagarosamente do rosto do rapaz e falou com voz calma que se ele não calasse a porra da boca, começaria a cirurgia por sua garganta. O rapaz perdeu a voz instantaneamente. A cirurgia poderia enfim começar.

Cortou a camisa do rapaz e deslizou os dedos pelo peito liso do paciente, sentindo o calor de vida que emanava do corpo jovem. Segurou o bisturi como um cirurgião experiente e fez a primeira incisão. Um grito de dor escapou da garganta do jovem e quando a pele abriu-se e o sangue morno brotou do corpo do rapaz e molhou seus dedos, Pedro sentiu um arrepio subir através de sua mão em direção ao seu peito causando um prazer que ele jamais sentira.

Percebendo que não adiantaria implorar para a razão de seu algoz, o jovem começou a debater-se e a tentar soltar-se da mesa à qual estava amarrado. Vendo que o cinto não seria suficiente para segurar o rapaz, Pedro levantou-se e chutou os braços do rapaz até quebrá-los. Ele controlou a euforia causada pelos gritos do rapaz e voltou a abrir incisões no corpo do paciente, os cortes eram cada vez mais profundos. Pedro queria abrir o peito dele para ver seu coração pulsando dentro da cavidade torácica. Queria ver os pulmões inflando com a passagem do ar.

O rapaz gritava cada vez mais alto. Implorava para Pedro parar, era incrível como, apesar da dor, ele ainda conseguia manter-se consciente.

Pedro estava em frenesi. Nenhum grito de dor ou pedido o fazia parar. Suas mãos estavam ensanguentadas. Seu pênis estava tão duro que doía a cada pulsação. Estampado em seu rosto havia um sorriso feito da mais pura loucura.

Finalmente conseguiu abrir caminho até o coração, a essa altura o rapaz já estava desmaiado, seu coração batia fraco no peito escancarado. Pedro cortou as costelas do jovem, pegou o coração nas mãos e sentiu a pulsação se extinguindo, junto com a vida do rapaz. O prazer chegou ao ápice quando Pedro sentiu o cheiro metálico do sangue. O orgasmo foi sublime, sua mão apertou o coração fazendo o sangue escorrer, seus olhos se reviraram, seu corpo se retesou como se um raio o atravessasse e cessou tão súbito quanto começou.

A próxima coisa que Pedro sentiu foi uma pancada na cabeça e todo o mundo à sua volta escureceu.

Acordou em uma sala branca, amarrado à cama. Tentou soltar-se sem sucesso, então começou a gritar com todo o ar que conseguia inalar.

O enfermeiro entrou no quarto, aplicou-lhe novamente o sedativo e mais uma vez, tudo se tornou escuridão.